

A PEDAGOGIA ESCOLAR E EXTRAESCOLAR: POSSIBILIDADES DE NOVOS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO

Allyne Chaveiro Farinha⁸
Adjenane Cantuária do Amaral Dias⁹
Cristiane Rodrigues Moura
Eloisa Fernandes da Silva
Graziela Machado de Souza
Thaynara Vieira de Jesus

Resumo

O presente estudo objetiva verificar as possibilidades extraescolares de atuação do profissional-pedagogo, uma vez que sua prática não mais se restringe ao espaço escolar na contemporaneidade. Para tanto, objetivou-se avaliar em empresas da cidade de Anápolis, Goiás se havia a atuação de pedagogos empresariais, contudo, as empresas indagadas não possuem esse profissional em seu quadro de funcionários. Embora não haja exercício da prática extraescolar dos pedagogos nas empresas investigadas, é visível a ampliação das possibilidades de exercício do pedagogo tanto no contexto escolar, quanto fora desse universo. Espera-se que esse estudo possa contribuir com os debates atuais sobre atividades realizadas por pedagogos e estimular outras pesquisas que demonstrem a relevância dessa profissão para a sociedade.

Palavras-chave: Pedagogia Escolar. Pedagogia Empresarial. Atuação de pedagogos.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, o profissional-pedagogo não exerce suas atividades apenas no espaço escolar ao ministrar aulas na educação infantil e na primeira fase do Ensino Fundamental. Pode-se observar que a expansão da prática do pedagogo iniciou-se dentro do contexto escolar ao permitir que esse profissional pudesse gerir a instituição escolar, sendo assim, a coordenação pedagógica e a direção escolar foram ocupadas por pedagogos.

⁸ Graduada em História e Pedagogia, Mestre pela Universidade Federal de Goiás, Orientadora do Programa de Iniciação Científica e Pesquisa Docente da Faculdade Católica de Anápolis.

⁹ Alunas do Programa de Iniciação Científica da Faculdade Católica de Anápolis.

Todavia, como infere Libâneo (2001), a multiplicidade de atuação do pedagogo ultrapassou os muros escolares devido à acepção da palavra pedagogia que corresponde ao ato de ensinar e, na atualidade se observa a prática do pedagogo em hospitais e empresas, por exemplo. E assim, oportuniza aos cidadãos que anseiam ao curso de Pedagogia possibilidades para redefinir seu espaço de exercício profissional.

Cabe ressaltar, como assevera Demo (2002), que a pesquisa que envolve o cotidiano não se limita ao empirismo, ela se orienta por teorias que tornam possíveis as reflexões a partir dos dados coletados. Portanto, esse estudo parte da pesquisa exploratória e associa-se com a pesquisa bibliográfica que permite a reflexão sobre o *corpus* desse trabalho.

Assim sendo, a fim de verificar como se dá a atuação desse profissional em espaços extraescolares, em especial nas empresas, após o levantamento bibliográfico, aplicou-se questionários ao setor de Recursos Humanos das indústrias farmacêuticas da cidade de Anápolis¹⁰, em Goiás, com o objetivo de verificar se no quadro de funcionários encontrava-se o pedagogo empresarial. Entretanto, em nenhuma das empresas encontrou-se o registro desse profissional.

Embora não se tenha encontrado nas empresas visitadas a função de pedagogo empresarial, verifica-se a relevância da atuação desse profissional nesse espaço. Sendo assim, faz-se necessário o debate e esclarecimentos acerca das possibilidades de exercício do pedagogo, por isso, essa pesquisa se norteará por explorar em primeiro plano as diferentes áreas de atuação do pedagogo e, em sequência, como se dá a Pedagogia Empresarial e, por fim, a função do pedagogo que atua em empresas.

Ao discutir sobre a atuação do pedagogo no espaço extraescolar, suscita possibilidades contemporâneas que confrontam crenças provenientes do senso comum que ainda limitam a atuação desse profissional ao magistério infantil. Além disso, oferta aos futuros pedagogos um visão ampla sobre os espaços nos quais eles podem atuar a fim de contribuir ainda mais com a sociedade.

¹⁰ Anápolis é um pólo Farmoquímico do Estado de Goiás, possui trinta e oito empresas farmacêuticas, sendo destas cinco que possuem mais de mil funcionários (Dados obtidos no Sindicato das Indústrias Químico-Farmacêuticas). Diante dessa realidade, para fins desta pesquisa priorizou-se análise somente nas indústrias farmacêuticas, em especial as que possuem maior número de funcionários, haja vista que não terceirizam o setor de recursos humanos e possuem ações educativas voltadas aos seus colaboradores, área em que o pedagogo empresarial poderia atuar.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pedagogia e o pedagogo: da origem a práticas além da docência

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe (PIAGET).

O curso de Pedagogia, segundo Scheibe e Aguiar (1999), surgiu na antiga Faculdade de Filosofia e Letras devido à preocupação com a qualidade do ensino secundário, como consta no Decreto-lei nº1190 de 1939. Os cursos formavam tanto bacharéis como licenciados, pois se o sujeito optasse pela modalidade bacharel faria apenas três anos do curso almejado, caso tivesse interesse pelo magistério, faria mais um ano do curso de didática.

Ao Bacharel de Pedagogia cabia a função de técnico de educação que não tinha função descrita de forma precisa, mas atuava no Ministério da Educação. Já aos licenciados, oportunizava-se exercer a docência na educação básica como também no Curso Normal, todavia esta não era uma atividade exclusiva dessa área de formação, visto que a Lei Orgânica do Ensino Normal exigia apenas a conclusão do ensino superior para lecionar nesse curso (BRZEZINSKI, 1996).

Somente em 1969 houve uma reorganização no Curso de Pedagogia, porém não se mostrou avanço, uma vez que houve mudanças de termologias, mas não de práticas. Desse modo, extinguiu a dicotomia bacharel e licenciado para dividir o curso em habilitações que formavam especialista em educação, asseveram Scheibe e Aguiar (1999). Esses especialistas tinham acesso ao conteúdo reduzido do curso anterior e se formavam em um período menor, o que suscitava indagações acerca da qualidade do curso e das suas funções: inspetor, supervisor, orientador e administrador escolar. Cabe ressaltar que cada uma dessas funções se designavam habilitações as quais seguiam um currículo diferenciado (BRASIL, 1969).

Durante o período de governo militar no Brasil, o curso de Pedagogia, embora debatesse a necessidade de uma reformulação curricular que em primeira instância traçasse um panorama comum, não teve tanta representação, o que só ocorreu após as lutas pela redemocratização do país e as eleições de 1982. A partir daí, congressos e fóruns de educação refletiam acerca da atividade docente e no encontro de Belo Horizonte, afirmam Scheibe e Aguiar (1999), ratificou-se a docência como exercício profissional docente, o que contribuiu com o construto da identidade do sujeito-professor.

Diante desse posicionamento dos professores, o Instituto Nacional de Pesquisa e Estudo (INEP) organizou uma mesa-redonda com o tema “Natureza e especificidade da Educação” que propagou diversos discursos acerca da formação de professores e também sobre o Curso de Pedagogia. Entre os professores convidados estava Moacir Gadotti que não conseguia compreender a razão de um órgão do governo, como o INEP, defender a especialização do Curso de Pedagogia, visto que a educação é um constructo social e histórico, o que remete à ideia de que em cada período histórico a sociedade solicita uma postura diferenciada da educação que deve estar em consonância com as mudanças da época. Nesse sentido,

colocar a questão da especificidade, deslocada de sua compreensão histórica, é introduzir disfarçadamente, portanto, ideologicamente, na escola, o germen do esvaziamento do seu papel social e político, reduzindo-a ao cumprimento de suas funções técnicas” (GADOTTI, 1985, p.147- 8).

Durante os debates sobre a reformulação do Curso de Pedagogia, percebeu-se que as licenciaturas precisavam ser revistas, haja vista que os problemas no magistério eram advindos do próprio sistema educacional. Nessa perspectiva, o engajamento por uma política global de formação dos profissionais de educação e assistência intelectual e financeira se tornou ação recorrente dos professores (SCHEIBE e AGUIAR, 1999).

Antemão às transformações no cenário educacional promovidas pela Lei de diretrizes e bases da Educação de 1996, é relevante avaliar a identidade do pedagogo. Para tanto, irá se analisar quatro períodos que salientam características peculiares que visam à compreensão do exercício desse profissional. Silva (1999) infere que o primeiro período se dá de 1939 até 1972 e teve como marco regulamentações que buscavam

produzir uma identidade para o pedagogo, visto que o curso surgiu e foi guiado muitos anos pela incerteza da função do profissional e da sua viabilidade no quesito formação, pois a atuação profissional limitava a docência e assuntos técnicos, respectivamente, nas modalidades licenciatura e bacharelado (BRASIL, 1962). Em 1950, embora não resolvido o problema da docência no Curso Normal, já se conseguia caracterizar a função dos bacharéis em pedagogia, iriam tratar de assuntos educacionais, segundo Silva (1999) dentro do contexto escolar – todavia não atuavam na docência. Nessa época, conseguia-se observar a incoerência entre o currículo do Curso de Pedagogia e as exigências do mercado, cabe ressaltar que nesse período o Brasil era gerido por militares e o tecnicismo abarcou as instituições sociais, sendo assim, a escola seguia a ideologia tecnocrata na qual a formação do indivíduo era um instrumento para contribuir com a ascensão do próprio país (BRZEZINSKI, 1996, p. 58).

Nesse primeiro período, observou-se mais uma vez a deterioração do Curso de Pedagogia, uma vez que ao discriminar docência de outras habilitações, o mercado de trabalho se via saturado com tantos especialistas em educação. Contudo, como foi mencionado anteriormente, as habilitações direcionavam para um campo específico, o que limitava a ação do pedagogo e desmerecia a profissão diante da sociedade que mais uma vez não sabia afirmar a atuação do pedagogo, como assinala Silva (1999).

O segundo período, de acordo com Silva (1999), se deu de 1973 a 1978, aqui se observa uma identidade projetada, uma vez que o único fato marcante foi a segmentação do Curso de Pedagogia, que gerou a licenciatura nas áreas pedagógicas. O contrário ocorreu no terceiro período de 1979 até 1998, em que a identidade do pedagogo é debatida com fervor tanto por professores quanto por estudantes do Curso de Pedagogia que almejam a qualidade do curso com um alinhamento de posturas e ações. Desse período de engajamento contra as imposições dos militares e as contradições do Curso de Pedagogia se vê frutos na atualidade, pois se mantém o encontro entre professores-pesquisadores a fim de que se redirecionem as políticas educacionais e se atendam cada vez mais a formação global do sujeito.

É válido mencionar o avanço no cenário educacional evidenciado com o advento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394\96. Scheibe e Aguiar (1999) afirmam que muitas das propostas anteriores que não tiveram respaldo dos governantes foram reelaboradas e expostas no formato de lei. Dessa maneira, a LDB 9394\96 infere que

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em Pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional.

Art. 65. A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas.

Art. 66. A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado (BRASIL, 1996, p.56-57).

Os quatro artigos apresentados mostram uma mudança significativa no sistema educacional que, a partir da LDB 9394/96, exige do professor da educação básica curso de graduação em licenciatura plena. Sendo ainda, admitida a modalidade normal na educação infantil e a primeira fase do ensino fundamental. Nas áreas de atuação no âmbito escolar que não envolvem a docência, o Curso de Pedagogia ou especialização já habilitam o sujeito para exercer as funções supracitadas. Cabe ressaltar que nesta lei já se verifica a expansão do Curso de Pedagogia demarcada, uma vez que o pedagogo pode, além da docência, exercer funções administrativas, de coordenação ou gestão escolar.

Assim, reduzir a profissão do pedagogo ao magistério infantil e da primeira fase do ensino fundamental pode ser considerada uma forma simplista de conceber o Curso de Pedagogia, uma vez que a Pedagogia “é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa” (LIBÂNEO, 2001, p.4). Essa se trata da Pedagogia escolar que visa à formação do sujeito em sua globalidade a fim de que ele possa atuar na sociedade de forma significativa e contribuir para o seu progresso, todavia, ao se falar sobre prática educativa deve-se ressaltar que essa pode se manifestar em diversos contextos e, sendo assim, se tem múltiplas Pedagogias, dentre elas a Pedagogia escolar, hospitalar e empresarial, por exemplo.

Na Pedagogia Hospitalar o pedagogo acompanha crianças ou adolescentes que estão realizando tratamentos em hospitais e por isso se encontram internadas.¹¹ A função do pedagogo é utilizar práticas de mediação que possam colaborar com o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança ou do adolescente (TINÉE e ATAÍDE, 2012). Dentre as mediações que demarcam o trabalho do Pedagogo Hospitalar encontra a escuta defendida por Fontes (2005, p.21) que sugere acompanhamento amplo do paciente no quesito intelectual, físico e emocional, por isso “os pedagogos precisam preparar-se para a diversidade de espaços que se oferecem ao seu trabalho”. Também se encontra a mediação voltada para o processo de escolarização e continuidade dos estudos que funciona como reintegração escolar para o sujeito hospitalizado, sendo assim,

Dispor de atendimento de classe hospitalar mesmo que por um tempo mínimo (e que talvez pareça não significar muito para uma criança que atende à escola regular) tem caráter importantíssimo para a criança hospitalizada. Esta pode operar com suas expectativas e dúvidas, produzir conceitos e produtos subjetivos de forma positiva, tanto para a vida escolar quanto para a vida pessoal, desvinculando-se, mesmo que momentaneamente, do conteúdo penoso ou de dano psíquico que o adoecimento ou a hospitalização podem provocar (FONSECA, 1999, p. 34).

Percebe-se, assim, que ambas as mediações são favoráveis ao sujeito que se encontra hospitalizado, uma vez que diminui o índice de evasão escolar, promove uma ressignificação na vida do indivíduo que pode ser benéfica até para a sua saúde.

Além da Pedagogia Hospitalar também se tem ciência da Pedagogia Empresarial que pode ser realizada em empresas de pequeno, médio ou grande porte, sendo que a função do pedagogo é atuar em atividades: pedagógicas, sociais, burocráticas e administrativas. No tópico seguinte, se abordará essa vertente da Pedagogia, bem como os processos de mediação pertinentes a esse novo contexto de atuação do pedagogo.

¹¹ Goiás conta atualmente com o Projeto Hoje da Secretaria Estadual de Educação, por meio deste projeto são oferecidas atividades de acompanhamento escolar para crianças, jovens e adultos em situação de internação (Dados disponíveis em: <<http://www.seduc.go.gov.br/ensino/especial/>>.).

A pedagogia empresarial: a mediação fundamentada na gestão do conhecimento

Até pouco tempo o pedagogo, segundo Oliveira (2004), vivia em uma realidade totalmente escolar, todavia com as transformações sociais e a exigência de um profissional completo que soubesse transitar em diversas áreas de conhecimento para atender o mercado de trabalho, o pedagogo percebeu um campo vasto a ser explorado, a Pedagogia Empresarial. Nesse sentido, não se extingue a docência, mas se expande as possibilidades de atuação do pedagogo.

O pedagogo empresarial recebe esse título através de cursos de especialização e mestrado em cursos reconhecidos pelo Ministério de Educação. Dentre os objetivos do curso de formação desse pedagogo encontra-se o desenvolvimento de metodologias que dialoguem com as tecnologias, contexto social e com as necessidades das organizações, bem como a organização de treinamentos para os diversos setores de uma empresa. Assim, investigação e prática devem fazer parte das ações de um pedagogo empresarial, haja vista que é necessário que o profissional entenda as práticas da empresa e como ela se relaciona com o mercado a fim de atendê-la com eficácia.

A observação do campo de trabalho é fundamental para que o pedagogo possa atuar com processos de mediação, por isso a relevância de se avaliar as habilidades dos funcionários e o desempenho nas atividades exercidas. Visto que a base de atuação do pedagogo será a humanização, portanto não se trata de um ideal técnico a ser imposto dentro de uma empresa e sim uma ação pedagógica, fruto das avaliações realizadas pelo pedagogo. Almeida (2006) ainda infere que o cumprimento da função do pedagogo empresarial só será concretizado se for voltado para “a potencialização da inteligência de cada um individualmente e da organização com um todo” (p.130) e não para medidas clientelistas de recursos humanos.

Sendo assim, o pedagogo empresarial irá trabalhar na área de recursos humanos a fim de organizar e executar treinamentos de pessoal, capacitações de serviços, cursos e dinâmicas, em especial aquelas que ressignifiquem a autoestima e os relacionamentos dentro da empresa (ALMEIDA e COSTA, 2012). Essa atividade de gestão do conhecimento se torna imprescindível porque a empresa é alimentada por seres humanos e, se formos analisar, pessoas que se sentem valorizadas em seu trabalho e que são acompanhadas para reconstrução profissional têm mais anseio pelo

aprimoramento e se dedicam cada vez mais, o que é extremamente benéfico para as empresas.

Devido às transformações sociais e a propagação de ideais capitalistas, as empresas que antes visavam ao âmbito financeiro, na atualidade, segundo Macêdo (2007) se direcionam para o capital intelectual em que “as organizações vivem a era da gestão do capital intelectual, buscando incessantemente atrair e preservar o conhecimento existente e gerar inovações por meio da criatividade” (p.50).

O conhecimento é necessário para que os profissionais consigam otimizar o trabalho e produzir mais ao manipular máquinas e criar dinâmicas de trabalho que minimizem o esforço e ampliem a produção. Desse modo, exige-se cada vez mais do indivíduo que precisa se atualizar em um ambiente que se supera a cada dia, para tanto Chiavenato (2005) pontua que o trabalho antes braçal vem sendo substituído por atividades mentais que visam à criatividade, ou seja, o conhecimento em comunhão com a competência.

E para que esse perfil profissional seja propagado e, em algumas situações, modelado – é necessária a ação do pedagogo empresarial que articulará as estratégias de desenvolvimento, organização e humano ou

em outras palavras, as ações deste departamento ultrapassam os aspectos instrumentais e tornam-se mais sensíveis à dinâmica das relações entre indivíduo e sociedade; compreendem que o espaço organizacional é, sobretudo, um espaço de valorização da dimensão e da dignidade humana. (RIBEIRO, 2010, p.10).

Sendo assim, a postura do pedagogo empresarial confronta o tecnicismo empregado até mesmo nas escolas no período militar que, segundo Libâneo, voltava-se para o treinamento e classificação do aluno. Se no contexto escolar, como afirma Perrenoud (1997), há a necessidade de ensinar o aluno a aprender ao aplicar suas competências em práticas sociais no universo do trabalho não é diferente, o sujeito precisa avaliar sua atuação e aprender ao máximo em todas as suas ações.

Nesse sentido, o pedagogo irá atuar com foco na mudança do sujeito para que se alinhe às necessidades da organização. O exercício do pedagogo é justificado por ser a empresa um espaço educativo que tem metas e a pedagogia visa traçar estratégias para alcançar o objetivo pré-definido. Sendo assim, a Pedagogia

Empresarial se pauta no conhecimento, atitudes, habilidades e competências que julga necessária para o aperfeiçoamento das tarefas a serem realizadas nas empresas (RIBEIRO, 2010).

O exercício de educador é recorrente no desempenho da função do pedagogo, seja no contexto escolar, hospital ou empresarial, visto que o objeto de estudo é similar, o conhecimento e como esse será mediado a fim de que o sujeito comece a utilizar em suas ações o que aprende, além de não se limitar ao quesito aprendizagem. O que pode se ver é a mudança de postura das empresas ao lidar com intensidade com a comunicação entre os membros de uma empresa a fim de que o sujeito-trabalhador se sinta bem, tanto no seu trabalho quanto em sua vida pessoal. Desse modo,

Nesta nova realidade, entra a conexão que deve existir entre o pedagogo e a empresa lembrando que o aprendizado é o saber assimilado, isto é, a construção do conhecimento por cada indivíduo e se estabelece quando a pessoa encontra um sentido para aprender e do porque aprender (GONÇALVES, 2009, p.4).

Portanto, não basta o pedagogo finalizar a graduação e ir trabalhar em uma empresa por pensar que já conhece teorias e práticas de aprendizagem eficazes. É necessário que esse profissional conheça a empresa em que ele irá atuar, a funções de cada funcionário e o que o mercado de trabalho espera da organização, a fim de lapidar o capital humano para que a empresa não tenha prejuízo com o desligamento constante de profissionais ou com estagnação do pessoal. Então,

O desafio desse novo profissional, diferentemente do que podem pensar alguns, não se resume a conduzir dinâmicas de grupo e preparar material de treinamento para o qual as pessoas não estão engajadas ou enxergando uma necessidade imediata. Isso requer muito trabalho como de observações cuidadosas principalmente no que se refere ao capital humano, (Termo utilizado nas empresas ao referir-se as pessoas que trabalham nelas), para que com elas seja possível desenvolver estratégias no bom sentido, que venham favorecer a humanização dentro da empresa (GONÇALVES, 2009, p.4).

Assim, percebe-se que a função do pedagogo é exemplificar em suas ações na empresa como deve ser a postura do funcionário contemporâneo, ou seja, além da observação constante, o pedagogo empresarial precisa ser criativo, ousado, ter empatia e anseio pela aprendizagem. O olhar do pedagogo empresarial será guiado pela Filosofia, Pedagogia e Psicologia para ratificar para todos os colaboradores da empresa que eles são responsáveis pelo desenvolvimento daquela organização, sendo assim, não serão visto como objetos, como salienta Gonçalves (2009).

Há muitas empresas no Brasil que aderem aos serviços do pedagogo empresarial e verificam em suas práticas ênfase na produção ou em outros setores da empresa ao mostrar que os funcionários se dedicam mais a suas atividades devido ao reconhecimento que têm, dessa forma, não bastam comemorações de datas específicas, mas ações que enfatizem os acertos desses colaboradores e os chamem para repensar quando há incoerências em alguma ação (CHIAVENATO, 2005).

METODOLOGIA

Para a realização da presente pesquisa foram aplicados questionários com questões abertas e fechadas, a fim de verificar não somente a presença do pedagogo no ambiente empresarial mas, principalmente, avaliar se os profissionais percebem a necessidade de sua atuação. Para tanto, os representantes do setor de Recursos Humanos foram indagados se percebem a necessidade deste profissional e como este poderia atuar em sua empresa. Além disso, questionou-se também sobre as formas de capacitação de seus funcionários, área que o pedagogo empresarial poderia atuar. Foram enviados questionários a trinta e oito indústrias farmacêuticas, mas somente vinte destas responderam o questionário. Entretanto, considerando o universo da pesquisa acredita-se que tal resultado não trouxe prejuízo à análise realizada.

ANÁLISE DOS DADOS

A necessidade de um pedagogo empresarial: visão das empresas

Durante a pesquisa pôde-se perceber que o pedagogo empresarial ainda não conquistou seu espaço como requer o contexto atual, haja vista que a postura técnica que visa exclusivamente à produção, embora ultrapassada, ainda se apresenta em algumas organizações. Todavia, para que as empresas se atualizem é preciso dar lugar ao processo de investimento no capital intelectual, como salienta Macêdo (2007).

Ao avaliar a não existência do pedagogo nas empresas analisadas inicia-se uma reflexão acerca das causas desta situação, visto que na atualidade o curso de licenciatura que ainda demanda concorrência em muitas universidades do Brasil é o de Pedagogia, como aponta os dados do Sistema de Seleção Unificado (SISU). Sendo assim, não se pode responsabilizar o não aproveitamento desses profissionais por se ter um número amplo de profissionais formados nesta área.

Outro fator relevante é avaliar como os Cursos de Pedagogia e os guias profissionais demarcam as possíveis áreas de atuação do pedagogo, pois ainda há materiais que limitam a docência ao exercício do pedagogo e, por essa razão muitos sujeitos por ignorância podem não buscar outras áreas de atuação, bem como as empresas, por exemplo, podem não ter ciência das vantagens que as atividades desse profissional podem impactar na empresa.

É mister ressaltar que embora não haja o pedagogo no ambiente empresarial pesquisado, todos os representantes do setor de Recursos Humanos foram unânimes em afirmar que este profissional seria de grande valia nas atividades de recrutamento, e especialmente de capacitação dos funcionários. Não obstante, quando questionados sobre como o pedagogo poderia efetivamente atuar, as respostas se esvaziam, evidenciando-se de fato a falta informação sobre a multiplicidade de papéis que o pedagogo pode assumir em sociedade.

Libâneo (2001) infere que essa visão simplista do campo profissional do pedagogo é uma propagação do senso comum que encontrou viabilidade pela etimologia da palavra que confere a significação de ensinar para crianças. Entretanto, o próprio autor mostra que devido às múltiplas pedagogias, a função do pedagogo também se ampliou na sociedade contemporânea, o que exige desse profissional mais preparação para atender distintos espaços.

A preparação do pedagogo também é um desafio na atualidade, pois para que se atue no ramo presencial é necessário especialização ou mestrado que corroborem com a função a ser exercida pelo pedagogo empresarial, uma vez que o aprendizado na graduação será readaptado para outro contexto, sendo assim, o profissional precisa ser capaz de realizar essa adequação e para tanto precisa de estratégias que provêm de outras áreas de conhecimentos como a Administração e Psicologia (BRASIL, 1996).

Evidenciou-se que atualmente são pouquíssimas as instituições que se preocupam com a formação múltipla do pedagogo desde a graduação, oferecendo disciplinas que levam os estudantes à reflexão sobre a educação em espaços não escolares e a prática de diferentes formas de atuação, como a realização de estágios em diferentes espaços.¹²

Outro fator que justifica a ausência do pedagogo empresarial nas organizações é a imagem do Curso de Pedagogia na atualidade. Devido à expansão nesse segmento, muitos licenciados em áreas específicas buscam cursos de complementação pedagógica para executar atividades antes realizadas por pedagogos. Esses cursos de complementação pedagógica têm duração de seis a dezoito meses e muitas vezes são ministrados totalmente à distância, o que não garante uma formação global e eficaz do profissional. E não é só licenciado que pode realizar a complementação pedagógica, um bacharel também, nesse caso, o Ministério da Educação valida a complementação se o bacharelado for na mesma área em que o sujeito almeja a complementação. Mas o que se vê hoje, muitas vezes, é a venda demasiada de Cursos de Pedagogia, o que causa prejuízos para os pedagogos que realizam o curso regular de Licenciatura em Pedagogia durante quatro anos com a carga horária mínima de 3200 horas. Nesse caso, verifica-se que a imagem do pedagogo pode ser deteriorada a partir do momento em que há saturação de profissionais sem qualificação prática e também teórica, o que afeta os demais profissionais. Desse modo, muitas empresas podem se sentir inseguras em contratar um pedagogo, haja vista que sua formação é questionada pela sociedade.

¹² A Faculdade Católica de Anápolis direciona seus discentes de Pedagogia para realização de estágio em espaços não escolares. No primeiro semestre do ano de 2016, realizou-se a primeira experiência cumprida com êxito em asilos, museus e orfanatos. Infelizmente as alunas não conseguiram espaço nas empresas e hospitais de Anápolis.

Além dessa situação, os cursos de licenciatura são vistos como graduações fracassadas, o que pode ser comprovado com o fechamento dos cursos de licenciatura em muitas universidades públicas e privadas ou, quando ainda existem, a concorrência é irrisória. Tal situação é propagada pela falta de valorização do professor e, no Curso de Pedagogia, isso se agrava devido à superficialidade do currículo desse profissional que estuda um pouco de cada área em que lecionará no ensino infantil e fundamental da primeira fase (NÓVOA, 2006).

Muitos empresários ao depararem com essa imagem do Curso de Pedagogia podem se sentir desencorajados para contratar esse profissional, além disso, alguns deles ainda acreditam em práticas lucrativas que não se preocupam com o seu funcionário por se sustentar na lógica capitalista em que o indivíduo que não produz como a empresa anseia é dispensado.

Já em empresas que aderiram à contratação do pedagogo empresarial, mesmo que de forma lenta, conseguem observar a mudança em suas atividades. Segundo Andriani (1991) percebe-se que a empresa enfatiza o aprendizado dos sujeitos e com isso lucra por não ter prejuízo com os investimentos em capital intelectual, pois o pedagogo empresarial atua ao analisar as atitudes, habilidades e competências dos profissionais a fim de intervir em situações de conflito para que haja uma redefinição de postura e se minimizem as demissões, em especial, por falta de qualificação. Outra vantagem da atuação do pedagogo é reforçar-se a empatia, pois o esse profissional, ao humanizar as atividades de uma empresa como ratifica Almeida (2006), trabalha em parceria com os demais funcionários e busca entender o que se passa com os sujeitos para poder efetivar o processo de mediação, aqui não se trata de um trabalho que se concentra no âmbito emocional, mas que analisa obstáculos psicopedagógicos para poder gerir o conhecimento na organização.

Holtz (2003) assinala ainda que a atuação do pedagogo empresarial interfere significativamente no ritmo de trabalho de uma empresa ao fornecer aos funcionários um ambiente mais interativo e ético, visto que as atividades são dispostas em grupos e, assim, a ideia de competitividade exacerbada do capitalismo é alterada pelo anseio de aprender entre pares. Outra situação também amenizada com as intervenções do pedagogo empresarial é a de estresse, fator que não é novidade em nenhuma área profissional e pode acarretar desgastes físicos e mentais para os funcionários de uma empresa e, como consequência, afetar a produtividade desse

espaço. A autora ainda afirma que, por meio de treinamentos, o pedagogo pode reverter os impactos negativos do estresse ao propiciar momentos de relaxamento e reflexão aos funcionários, todavia, vale salientar que a negatividade também precisa ser analisada pois, para a autora, ela representa ações de sensores automáticos que sugerem a mudança de postura do sujeito.

No que se refere à capacitação dos funcionários, algumas empresas afirmaram que dependendo do setor que necessite de capacitação, são contratados profissionais que ministrem a formação ou os responsáveis pelo setor são incumbidos desta formação. Desta forma, acredita-se que a capacitação destes colaboradores possa ficar prejudicada, pois nem sempre a pessoa responsável pela aplicação do curso/treinamento possui a didática necessária para conduzir o aprendizado e, principalmente, avaliar efetivamente se os resultados foram alcançados.

Diante das inferências dessa pesquisa,

Talvez tenha chegado a hora de não mais os educadores ficarem responsabilizando o setor empresarial de cúmplices do capitalismo, do neoliberalismo e, que só almejam o lucro, a produtividade e a eficiência; por outro lado, nem os empresários ficarem colocando a responsabilidade da falta de competência de seus funcionários na escola que não soube prepará-los. Mas, ao contrário, é tempo de usufruir das conquistas tecnológicas no sentido de se formar parcerias, relações, interligações entre o mundo do trabalho empresarial e o mundo do trabalho educacional. Só assim nossa sociedade terá condições efetivas de evoluir econômica, social e educativamente; pois sempre se acreditou e se apostou que a educação seria capaz de transformar a realidade, buscando a verdadeira emancipação e, conseqüentemente, a cidadania. Mas isso será possível na medida em que houver interesses convergentes entre os setores da educação formal e informal escola/ universidade e empresa (TREVISAN; LAMEIRA, 2003, p. 1).

Assim, verifica-se a relevância do pedagogo empresarial nas organizações para que mercado de trabalho e escola trabalhem efetivamente em parceria a fim de preencher as lacunas entre a transição escola – mercado de trabalho para que os sujeitos conduzam as ações na empresa com base na aprendizagem dialogada na escola e adaptem a sua realidade pessoal e profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O advento do Curso de Pedagogia foi marcado por várias contradições, entre elas a necessidade de sua existência, visto que profissionais com cursos superiores poderiam exercer funções semelhantes à dos pedagogos, como a atuação no Curso Normal. Posteriormente, surgiram as habilitações, o que segmentou o curso de pedagogia, sendo assim, o mercado ficou saturado com tantos especialistas em educação, todavia esses não realizavam atividades ligadas à docência, mas atuavam dentro do contexto escolar, o que de certa forma foi positivo por um lado, porque expandiu a atividade do pedagogo mas negativa porque formou profissionais que tinham acesso a “migalhas” do conhecimento da ciência-pedagogia.

A partir de 1979, o Curso de Pedagogia começou a ser repensado de forma crítica com debates intensos mediados por professores e alunos do curso de graduação, desde então, congressos, fóruns e encontros educacionais visam a reorganizar a estrutura do curso no viés curricular e nas ações de formação continuada, bem como o aprimoramento da licenciatura para que esteja em consonância com o sujeito contemporâneo e seu contexto.

No sistema educacional o debate e as pesquisas são fundamentais para que se possa propagar ações que objetivem a evolução de um segmento e isso aconteceu na educação com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 93494\96) que definiu as exigências mínimas para atuação no magistério e regulamentou os princípios da educação bem como normas que asseguram posturas comuns em instituições de ensino no Brasil.

Depois da estabilidade ofertada por leis educacionais, o pedagogo, ao acompanhar as mudanças sociais, não mais atende exclusivamente as instituições escolares, ele ao analisar que a prática educativa é social e não própria da escola, começa a atuar em espaços extraescolares, dentre eles hospitais e empresas. Nos hospitais, os pedagogos hospitalares reintegram crianças e adolescentes à escola, ora escutando-os, ora fornecendo meios para que eles não se distanciem do processo de ensino e aprendizagem. Já nas empresas, os pedagogos empresariais buscam mediar as atividades dos colaboradores das organizações a fim de gerir conhecimentos e contribuir com a eficácia do desenvolvimento da empresa e dos seus funcionários.

Com essa pesquisa, observa-se que há diversas possibilidades de atuação do profissional pedagogo, tanto no contexto escolar além da docência como em atividades de gestão e coordenação, como no contexto extraescolar supracitado: hospitais e empresas, por exemplo. Mas ainda pode-se expandir para outros setores, visto que se vive em uma sociedade da aprendizagem, sendo assim, o ato educativo permeia a sociedade, então a pedagogia e ação do pedagogo são válidas e significativas para essa diversidade espacial.

Na cidade de Anápolis em Goiás, as empresas investigadas não contam com as contribuições de um pedagogo empresarial, fator que não abala a expansão profissional do pedagogo, mas suscita indagações e reflexões pertinentes quanto à imagem do Curso de Pedagogia, a saturação do mercado com vistas em profissionais que realizaram complementações pedagógicas limitadas e, conseqüentemente, ofertam ao mercado práticas incoerentes. Além da pouca divulgação em espaços não acadêmicos sobre as possíveis atuações do pedagogo, sendo assim, a universidade pode promover ações que levem empresários para dentro da academia a fim de que os pedagogos possam dialogar com esses profissionais e traçar estratégias para atenderem a especificidade de cada ramo de atuação e, em contrapartida, realizar estágios nas empresas para que observem o possível contexto de atuação e possam aplicar estratégias de mediação do conhecimento em treinamentos de pessoal, capacitações e reuniões com os colaboradores da empresa.

A relevância da atuação do pedagogo empresarial em organizações é notória, uma vez que a humanização desse ambiente limitado muitos anos pela objetividade e lucro excessivo provenientes do capitalismo é necessária para que se vislumbrem as exigências atuais em que a criatividade, a ousadia, a perspicácia e a proatividade sejam palavras-chave para o sucesso de um profissional e modelar esse sujeito só é possível através de planejamentos que considerem a diversidade do sujeito-trabalhador como pessoa e profissional.

ABSTRACT

The present study aims to verify the extracurricular possibilities of professional-pedagogue performance, since its practice is no longer restricted to the school space in the contemporary world. In order to do so, it was aimed to evaluate companies in the city of Anápolis, Goiás if there was the performance of entrepreneurial pedagogues, however, the companies in question do not have this professional in their staff.

Although there is no extracurricular practice of the pedagogues in the investigated companies, it is possible to expand the possibilities of the pedagogue's exercise both in the school context and outside this universe. It is hoped that this study can contribute to the current debates on activities carried out by pedagogues and stimulate other research that demonstrates the relevance of this profession to society.

Keywords: School Pedagogy. Business Pedagogy. Performance of pedagogues.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. de. *Pedagogia empresarial: saberes, práticas e referências*. Rio de Janeiro: Brasport, 2006.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96*. Brasília: 1996.

_____. *Parecer n. 251/62. Currículo mínimo e duração do curso de pedagogia*.

Relator: Valnir Chagas. Documenta, n. 11, pp. 59-65, 1963.

_____. *Parecer n. 252, de 11 de abril de 1969. Estudos pedagógicos superiores.*

Mínimos de conteúdo e duração para o curso de graduação em Pedagogia. Relator: Valnir Chagas. Documenta, n. 100, pp. 101-17, 1969.

BRZEZINSKI, I. *Pedagogia, pedagogos e formação de professores*. Campinas: Papirus, 1996.

CHIAVENATO, I. *Gerenciando com as pessoas*. Rio de Janeiro: Eseevier, 2005.

GADOTTI, M. *Educação e compromisso*. Campinas: Papirus, 1985.

GLOBO\G1. *Os cursos mais procurados no SISU*. Disponível em:

<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/01/veja-os-20-cursos-mais-procurados-do-sisu-administracao-lidera-lista.html>. Acesso no dia 05 de junho de 2016.

HOLTZ, M. L. M. *Relações humanas*. 2003. Disponível em:

<http://www.sorocaba.com.br/relacoeshumanas/index.shtml?1002374329>>. Acesso em: 19 maio 2016.

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas*. Educar, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Disponível em:

<http://revistas.ufpr.br/educar/article/viewFile/2074/1726>. Acesso no dia 05 de junho de 2016.

_____. “Os Significados da Educação, Modalidades de Prática Educativa e a Organização do Sistema Educacional”. In: _____. *Pedagogia e Pedagogos, para quê?*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MACÊDO, I. I. de; et al. *Aspectos comportamentais de gestão de pessoas*. 9. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

NÓVOA, A. *Professor e o novo espaço público da educação. Educação e sociedade: perspectivas educacionais no século XXI*. Santa Maria, RS. UNIFRA, 2006.

OLIVEIRA, D. A. A Reestruturação do Trabalho docente: precarização e flexibilização. *Educação e sociedade*, v. 25, n. 89, p. 1127 – 1144, set/dez. 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22614.pdf>> Acesso no dia 24 maio de 2016.

PERRENOUD, P. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SILVA, C. S. B.da. *Curso de Pedagogia no Brasil: história e identidade*. São Paulo: Autores Associados, 1999.

SCHEIBE, L. AGUIAR, M. A. Formação profissional da educação no Brasil: o curso de pedagogia em questão. *Educação & Sociedade*, ano XX, nº 68, Dezembro/99. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a12v2068.pdf>. Acesso no dia 15 de maio de 2016.

TINÉE, C. A. ATAIDE, S.P. *A atuação do pedagogo em classes hospitalares*. 2012. Disponível em: <https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2013/tcc%20carolina%20tin_ee.pdf>. Acesso no dia 20 de maio de 2016.

TREVISAN, N. V.; LAMEIRA, L. J. C. *Formação do educador para pedagogia nas empresas*. 2003. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/ceesp/2003/01/a6.htm>>. Acesso no dia 19 maio 2016.